

comitê invisível

AOS NOSSOS AMIGOS
CRISE E
INSURREIÇÃO

M-1
edições

AOS NOSSOS AMIGOS

TÍTULO ORIGINAL *A nos amis*

[CC] TRADUÇÃO Edições Antipáticas, 2015

[CC] n-1 edições, 2016

Embora adote a maioria dos usos editoriais do âmbito brasileiro, a n-1 edições não segue necessariamente as convenções das instituições normativas, pois considera a edição um trabalho de criação que deve interagir com a pluralidade de linguagens e a especificidade de cada obra publicada.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Peter Pál Pelbart
e Ricardo Muniz Fernandes

ASSISTENTE EDITORIAL Isabela Sanches

TRADUÇÃO Edições Antipáticas

[edicoesantipaticas.tumblr.com]

REVISÃO Vinícius Honesko, Humberto Amaral

PROJETO GRÁFICO Érico Peretta

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

n-1 edições

São Paulo | junho de 2016

n-1edicoes.org

comitê invisível

AOS NOSSOS AMIGOS

M-1
edições

CRISE E INSURREIÇÃO

- 11 As insurreições finalmente chegaram
- 23 *Merry crisis and happy new fear*
- 49 Eles querem nos obrigar a governar, mas
não vamos cair nessa provocação
- 97 O poder é logístico. Bloqueemos tudo!
- 121 *Fuck off* Google
- 159 Desapareçamos
- 203 Nossa única pátria: a infância
- 235 *Omnia sunt communia*
- 265 *Today Libya, tomorrow Wall Street*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aos nossos amigos : crise e insurreição / Comitê
Invisível ; [tradução Edições Antipáticas]. --
São Paulo : n-1 edições, 2016.
ISBN 9788566943207

Título original: A nos amis

1. Motins 2. Problemas sociais - 1990-
3. Resistência ao governo - 1990- 4. Revoluções -
1990- I. Comitê Invisível.

16-03965

CDD-303.484

Índices para catálogo sistemático:

1. Movimentos sociais : Sociologia 303.484

**PARA BILLY, GUCCIO, ALEXIS E JEREMY HAMMOND,
PORTANTO,**

**"NÃO HÁ OUTRO MUNDO.
HÁ SIMPLEMENTE
UMA OUTRA MANEIRA
DE VIVER"**

JACQUES MESRINE



AS INSURREIÇÕES FINALMENTE CHEGARAM. E chegaram em um ritmo tal e em tantos países, a partir de 2008, que é todo o conjunto deste mundo que parece, fragmento após fragmento, se desintegrar. Há dez anos, predizer um levante iria expô-los à zombaria dos bem acomodados; hoje, são aqueles que anunciam o regresso à ordem que fazem papel de palermas. Não há nada de mais sólido, de mais assegurado, diziam-nos, do que a Tunísia de Ben Ali, a Turquia atarefada de Erdogan, a Suécia social-democrata, a Síria baathista, o Quebec sob efeito de tranquilizantes ou o Brasil das praias, do Bolsa Família e das Unidades de Polícia Pacificadora. Vimos o que aconteceu depois. A estabilidade morreu. Daí para a frente, também na política se passou a refletir duas vezes antes de atribuir um triplo A.

Uma insurreição pode estourar a qualquer momento, por qualquer motivo, em qualquer país; e levar

não importa aonde. Os dirigentes caminham entre abismos. Até mesmo as suas sombras parecem ameaçá-los. *Que se vayan todos!* era um slogan; se tornou sabedoria popular — um rumor baixo e contínuo desta época, um murmúrio que vai de boca em boca até se elevar verticalmente, como um machado, no momento em que menos se espera. Os políticos mais *maliciosos* até fizeram promessas de campanha. Eles não têm escolha. A repugnância irremediável, a pura negatividade, a recusa absoluta são as únicas forças políticas discerníveis neste momento.

As insurreições chegaram, mas não a revolução. Raramente veremos, como nestes últimos anos, num lapso de tempo tão condensado, tantas sedes do poder oficial tomadas de assalto, desde a Grécia até à Islândia. Ocupar praças bem no centro das cidades e aí montar barracas, e aí erguer barricadas, refeitórios ou tendas, e aí reunir assembleias, tudo isso em breve se tornará um reflexo político básico, como ontem foi a greve. Parece que esta época começou a segregar até seus próprios clichês — começando por esse *All Cops are Bastards* (A.C.A.B.) que, a cada golpe de revolta, surge pichado nas paredes decrépitas das cidades, no Cairo como em Istambul, em Roma como em Paris ou no Rio.

Mas por maior que seja a desordem sob os céus, a revolução parece sempre se asfixiar na fase de mo-
tim. Na melhor das hipóteses, uma mudança de re-
gime sacia a necessidade de mudar o mundo por um
tempo, mas logo se volta à mesma insatisfação. Na
pior, a revolução serve de estribo a esses que, falando
em nome dela, se preocupam apenas em enterrá-la.
Em certos lugares, como na França, a inexistência
de forças revolucionárias suficientemente confiantes
em si mesmas abre caminho àqueles cuja única ocu-
pação é justamente simular a autoconfiança e de
apresentá-la como espetáculo: os fascistas. A impo-
tência amargurada.

Nesse ponto, é preciso admitir, nós, os revolucio-
nários, fomos derrotados. Não porque não persegui-
mos a “revolução” enquanto *objetivo* após 2008, mas
porque fomos privados, continuamente, da revolução
enquanto *processo*. Quando fracassamos, podemos ou
culpar o mundo inteiro, elaborando toda espécie de
explicações, até mesmo explicações *científicas*, com
base em mil ressentimentos, ou então podemos nos
questionar sobre estes pontos de apoio de que o
inimigo dispõe em nós, e que determinam o cará-
ter repetido, não fortuito, de nossas derrotas. Talvez

possamos nos questionar sobre o que resta, por exemplo, de *esquerda* nos revolucionários, e que os condena não apenas à derrota, mas a um efeito de repulsa quase que generalizado. Essa maneira de professar certa superioridade moral que não está a seu alcance, é, por exemplo, um pequeno defeito herdado da esquerda. Da mesma forma, essa pretensão insuportável de decretar a forma justa de viver — aquela que é verdadeiramente progressista, esclarecida, correta, desconstruída, imaculada. Pretensão que enche qualquer pessoa relegada à classe dos reações-conservadores-obscurantistas-limitados-caipiras-ultrapassados de desejos assassinos. A rivalidade apaixonada dos revolucionários com a esquerda, longe de os libertar, é precisamente o que os mantém no seu terreno. Soltemos as amarras!

Depois d'*A insurreição que vem*,¹ fomos aos lugares que na época se incendiavam. E foi junto aos camaradas de vários países e de várias tendências que nós lemos, lutamos, conversamos, e que também teimamos

1. Comitê invisível, *A insurreição que vem*. Trad. port. de Edições Antipáticas. Cascais: Edições Antipáticas, 2013. Disponível em: <http://arquivo.n-1edicoes.org/livros/insurreicao_que_vem.pdf>].

contra os obstáculos invisíveis do tempo. Alguns de nós morreram, outros conheceram a prisão. E nós persistimos. Não desistimos nem de construir mundos, nem de atacar este. Voltamos de nossas viagens com a certeza de que não vivemos revoltas erráticas, separadas, que ignoravam umas às outras e que ainda não estavam conectadas entre si. Isso é o que a notícia em tempo real, na sua gestão calculada das percepções, simula; é o trabalho da contrainsurreição, que começa desde essa escala mais ínfima. Nós não somos contemporâneos de revoltas esparsas, mas de uma única onda mundial de levantes que se comunicam entre si de maneira imperceptível. De uma sede universal de encontros que apenas uma separação universal pode explicar. De um ódio generalizado pela polícia que expressa a lúcida recusa da atomização geral por ela supervisionada. Por todo lado se lê a mesma inquietação, o mesmo pânico, ao qual respondem os mesmos sobressaltos de dignidade, e não de indignação. O que acontece mundo afora desde 2008 não constitui uma série sem coerência de erupções absurdas que ocorrem em espaços nacionais herméticos. É uma única sequência histórica que se desenrola numa estrita unidade de espaço e de tempo, da Grécia ao Chile

— e apenas um ponto de vista *sensivelmente mundial* permite elucidar seu significado. Nós não podemos deixar o pensamento aplicado dessa sequência apenas aos *think tanks* do capital.

Por mais localizada que seja, toda insurreição emite sinais para além de si própria; ela contém, de imediato, algo de mundial. Através dela, nós nos elevamos à altura da época presente. Mas a época é também o que encontramos no fundo de nós mesmos, quando aceitamos descer até lá, quando interrogamos aquilo que vivemos, vemos, sentimos, percebemos. Há um método de conhecimento e uma regra de ação aí; e há também aquilo que explica a conexão subterrânea entre a pura intensidade política do combate de rua e a crua presença em si do solitário. É no fundo de cada situação e no fundo de cada um que é preciso procurar a época. É aí que “nós” nos encontramos, é aí que se fazem os verdadeiros amigos, dispersos pelos quatro cantos do globo, mas que caminham juntos.

Ao menos em um aspecto os conspiracionistas são contrarrevolucionários; eles reservam o privilégio de conspirar às elites do poder. Se é evidente que os poderosos tramam para preservar e estender as suas posições, não é menos certo que *há conspiração por todo*

lado — nas entradas dos prédios, junto às máquinas de café, nos fundos dos kebabs, nas ocupações, nos ateliês, nas prisões, nas noites, nos amores. E todos esses laços, todas essas conversas, todas essas amizades tecem por capilaridade, à escala mundial, um partido histórico em construção — “o nosso partido”, como dizia Marx. Há, realmente, face à conspiração objetiva da ordem das coisas, uma conspiração difusa à qual nós de fato pertencemos. Mas em seu seio reina a maior das confusões. Por todo lado nosso partido se confronta com sua própria herança ideológica; ele se assenta sobre uma enorme tela de tradições revolucionárias desfeitas e defuntas, mas que exigem respeito. Ora, a inteligência estratégica vem do coração, e não do cérebro, e o erro da ideologia é precisamente criar uma barreira entre pensamento e coração. Em outros termos: temos que forçar a porta a partir de onde já estamos. O único partido a ser construído é aquele que já está aí. Temos de nos livrar de todo esse amontoado mental que obstrui uma compreensão clara de nossa situação comum, da nossa “comum terrestreidade”, conforme a expressão de Gramsci. Nossa herança não é precedida por nenhum testamento.

Como em todos os slogans publicitários, as palavras de ordem “nós somos os 99%” ganha sua eficácia não pelo que diz, mas pelo que não diz. O que ela não diz é a identidade do 1% de poderosos. O que caracteriza o 1% não é que eles sejam ricos — há muito mais do que 1% de ricos nos Estados Unidos —, não é que sejam célebres — eles são, pelo contrário, discretos, e, hoje em dia, quem não tem direito aos seus quinze minutos de fama? O que caracteriza o 1% é que eles estão *organizados*. Eles até se organizam para organizar a vida dos outros. A verdade desse slogan é bem cruel, sobretudo porque o número ali não serve para nada: podemos ser 99% e estar perfeitamente dominados. Pelo contrário, os saques coletivos de Tottenham demonstram suficientemente bem que deixamos de ser pobres a partir do momento em que começamos a nos organizar. Há uma diferença considerável entre uma massa de pobres e uma massa de pobres determinados a agir em conjunto.

Se organizar nunca quis dizer se filiar a uma mesma organização. Se organizar é agir segundo uma percepção comum, em qualquer nível que seja. Ora, o que faz falta à situação não é a “cólera das pessoas” ou a penúria, não é a boa vontade dos militantes nem a

difusão da consciência crítica, nem mesmo a multiplicação do gesto anarquista. O que nos falta é uma percepção partilhada da situação. Sem essa ligatura, os gestos se apagam no nada e sem deixar vestígios, as vidas têm a textura dos sonhos, e os levantes terminam nos livros escolares.

A profusão cotidiana de informações — alarmantes para uns, apenas escandalosas para outros — molda nossa apreensão de um mundo globalmente não inteligível. Seu aspeto caótico é a névoa de guerra por trás da qual ele se torna inatacável. É por meio de seu aspecto ingovernável que ele é *realmente* governável. É aí que está a malícia. Ao adotar a gestão da crise como técnica de governo, o capital não se limitou apenas a substituir o culto do progresso pela chantagem da catástrofe, ele quis reservar para si a inteligência estratégica do presente, a visão de conjunto sobre as operações em curso. E é isso que é importante disputar com ele. Trata-se, em matéria de estratégia, de voltarmos a estar dois passos à frente em relação à governança global. Não há uma “crise” da qual é preciso sair, há uma guerra que precisamos ganhar.

Uma inteligência partilhada da situação não pode nascer apenas de um texto, mas de um debate

internacional. E, para que um debate aconteça, é preciso posicionar algumas peças. Eis aqui uma delas. Submetemos a tradição e as posições revolucionárias à pedra de toque da conjuntura histórica e procuramos cortar os mil fios ideais que amarram o Gulliver da revolução ao solo. Procuramos, tateando, as passagens, os gestos, os pensamentos que poderiam permitir a saída do impasse atual. Não há movimento revolucionário sem uma linguagem capaz de exprimir, ao mesmo tempo, a condição que nos é apresentada e o possível que a fatura. O que se segue é uma contribuição para a sua elaboração. Nesse sentido, este texto é editado simultaneamente em oito línguas e sobre quatro continentes. Se estamos por todos os lados, se somos legião, temos agora que nos organizar, mundialmente.

AOS QUE SENTEM QUE O FINAL DE UMA CIVILIZAÇÃO NÃO É O FIM DO MUNDO; AOS QUE VEEM A INSURREIÇÃO COMO UMA BRECHA, SOBRETUDO NO REINO ORGANIZADO DA ESTUPIDEZ, DA MENTIRA E DA CONFUSÃO; AOS QUE ADVINHAM, POR DETRÁS DA ESPESSA NÉVOA DA “CRISE”, UM TEATRO DE OPERAÇÕES, DE MANOBRAS, DE ESTRATÉGIAS — E PORTANTO A POSSIBILIDADE PARA UM CONTRA-ATAQUE; AOS QUE SUPORTAM GOLPES; AOS QUE ESPREITAM O MOMENTO PROPÍCIO; AOS QUE BUSCAM CÚMPLICES; AOS QUE DESERTAM; AOS QUE RESISTEM COM FIRMEZA; AOS QUE SE ORGANIZAM; AOS QUE QUEREM CONSTRUIR UMA FORÇA REVOLUCIONÁRIA, REVOLUCIONÁRIA

n-1edicoes.org

ISBN 9788566943207

